entorno da Sapucaí

com a renda gerada pelo Carnaval, mas agora se vira como pode

FOTOS LUCIANO BELFORD

"EU JÁ ESTOU HÁ SEIS MESES SEM TRABALHAR DIREITO"

MANOEL CORDEIRO, AMBULANTE

"VENDÍAMOS MUITO MAIS TRÊS MESES ANTES DO CARNAVAL"

ANDERSON ZOROASTA (E), COMERCIANTE

"TENHO QUIOSQUE NO PISCINÃO DE RAMOS. MEU PLANO B É ESSE"

ANDRÉ LUIS FERREIRA, AMBULANTE

"A IDEIA ERA INVESTIR UNS R$ 4 MIL EM MERCADORIAS PARA OS QUATRO DIAS"

MARIA BENICIO, AUTÔNOMA

● SEM APOIO

Mercado informal não tem sindicato

Movimento dos camelôs tenta ajudar como pode os ambulantes

Se já não bastasse toda a dificuldade para colocar comida na mesa e pagar as contas, seja com ou sem Carnaval, os ambulantes que trabalham no Rio de Janeiro não contam com um sindicato organizado que lute pelos seus direitos. Quem tenta desempenhar esse importante papel é o Muca (Movimento Unido dos Camelôs). Segundo Maria de Lourdes do Carmo, coordenadora do movimento, é importante que esses trabalhadores sejam ouvidos.

"A gente tenta fazer com que a prefeitura tenha um olhar para essa categoria. Sabemos que o pessoal que trabalha nas escolas de samba é de extrema importância, mas os ambulantes também precisam de uma atenção melhor. Atrás de cada isopor, de cada barraquinha de churrasco, de cachorro-quente, existe um pai de família que passa por dificuldades. Ainda mais agora após o fim do auxílio emergencial. Queremos que o poder público olhe para a gente", pede Maria de Lourdes.

"Queremos saber como que fica esse povo, eles são os garçons do evento. É uma parcela da população que agora necessita de ajuda e não tem de onde tirar essa renda".

O prejuízo para o comércio é devastador. Segundo a Riotur, o Carnaval de 2020 atraiu 2 milhões de turistas e movimentou cerca de R$ 4 bilhões. A Fundação Getúlio Vargas estimou que este ano seriam até R$ 5,5 bilhões.